



ANTÔNIO CÂNDIDO é advogado, formado pela PUC/RS, e Servidor Público Federal, Mestre em Educação Profissional, e pai do Pedro Antônio. Nascido em São Borja, na Fronteira oeste do Rio Grande do Sul em 1976, desde cedo foi aficionado por cinema, música e quadrinhos. Leitor ávido tem entre suas influências literárias Nelson Rodrigues, Günter Grass, William Faulkner, Albert Camus, Neil Gaiman, Alan Moore e Arthur Koestler. Mas é no Cinema, principalmente de horror, onde tem sua ligação mais forte. O autor cresceu ouvindo histórias fantásticas e fantasmagóricas, contadas por seus pais e familiares, o que funcionou como a medula criativa de toda sua obra. Atualmente coordena o Projeto de extensão de cine-debate Cine Campus no Instituto Federal Farroupilha onde trabalha.



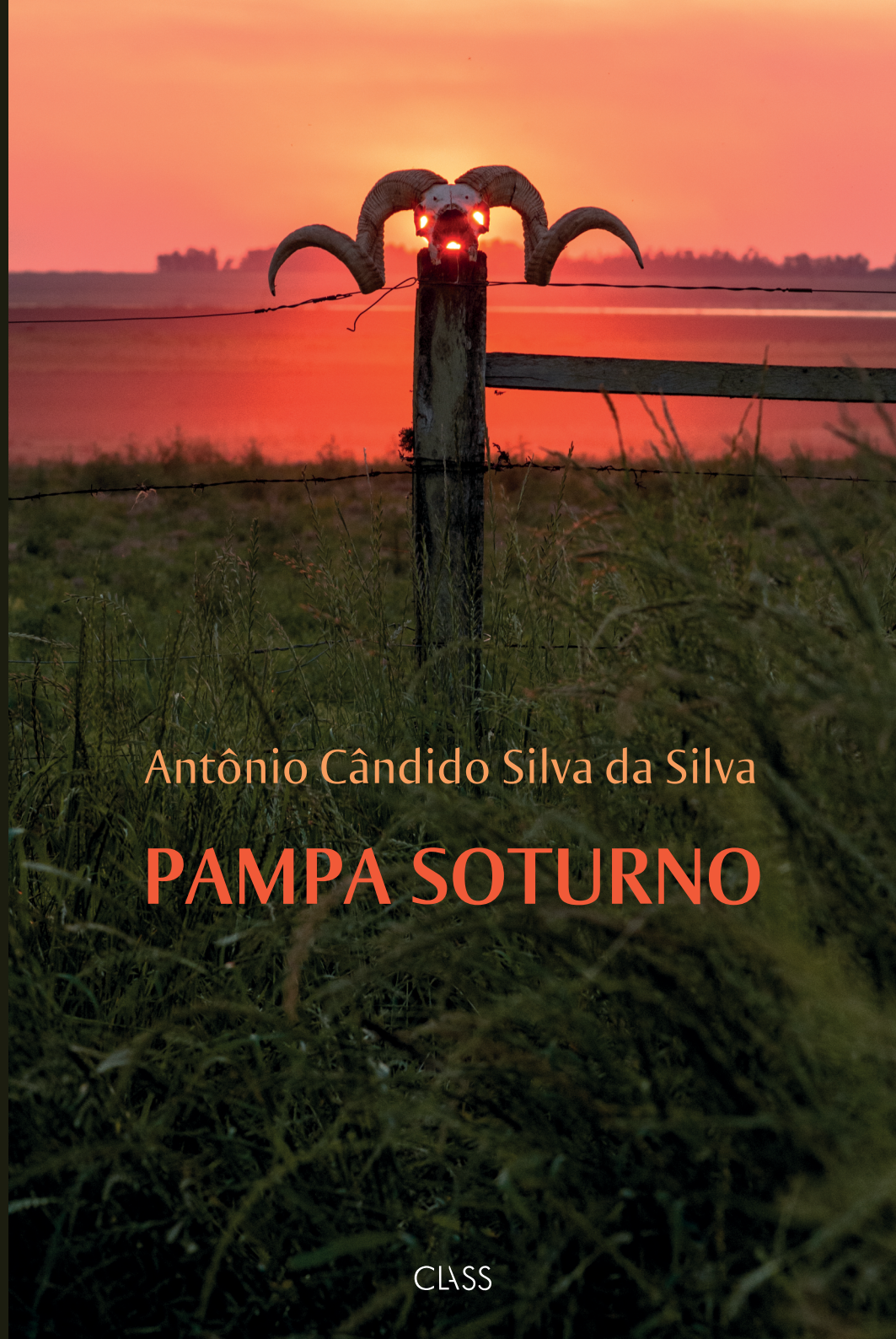
Esta história não é minha. Ela me foi contada pelo pai de um amigo, quando eu tinha algo em torno dos doze anos, que a ouviu de sua mãe, a protagonista. A vó do meu amigo era uma criança quando ocorreu o fato e morava para fora, nesse momento se faz necessário uma explicação, se você leitor não é da fronteira oeste do Rio Grande do Sul talvez não entenda o que significa morar pra fora, mas é simples. Ela morava na área rural, no campo, em uma chácara, fazenda, sítio, morava fora do perímetro urbano. Pois então, ela era uma criança, morava pra fora, e o ano era algo em torno de 1910, acredito eu.



PAMPA SOTURNO

Antônio Cândido Silva da Silva

CLASS



Antônio Cândido Silva da Silva
PAMPA SOTURNO

CLASS

Existe uma árvore seca, na beira da rodovia entre Santiago e Manoel Viana, alguns quilômetros depois da Porteira do Toroquá. Lá, no entardecer, quando o sol cega os motoristas, a figura de uma mulher pode ser vista, por alguns segundos, dependurada pelo pescoço, no galho mais forte. As pernas balançando, levemente, já sem vida.

...

Na fronteira entre o Brasil e a Argentina, não muito longe da barranca do Rio Uruguai, em São Borja, nas noites mais silenciosas, ouvidos atentos podem escutar o retumbar da batalha, quando Brasileiros e Paraguaiois travaram um sangrento duelo. Não raros são os relatos daqueles que viram os clarões dos canhões, e ouviram o relinchar dos cavalos e o barulho dos seus cascos contra o chão. Mas pior é o que vem depois do cessar dos tiros. O pior é o lamento dos moribundos abandonados no campo, os gritos de dor e medo.